



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CAMPUS COLINAS
CURSO DE LETRAS - LICENCIATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA E
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

ANA GABRIELA DA CRUZ PEREIRA

**A LITERATURA FRANCESA NAS COLUNAS DO JORNAL *PUBLICADOR
MARANHENSE***

Colinas
2025

ANA GABRIELA DA CRUZ PEREIRA

**A LITERATURA FRANCESA NAS COLUNAS DO JORNAL *PUBLICADOR*
*MARANHENSE***

Artigo apresentado ao Curso de Letras –
Licenciatura em Língua Portuguesa e
Literaturas de Língua Portuguesa, da
Universidade Estadual do Maranhão, como pré-
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciado em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia

Colinas
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Pereira, Ana Gabriela da Cruz.

A Literatura Francesa nas Colunas do Jornal Publicador Maranhense / Ana Gabriela da Cruz Pereira. - Colinas - MA, 2025.

35 f.

Artigo Científico (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Colinas, 2025.

Orientadora: Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia.

1. Imprensa oitocentista. 2. Literatura francesa. 3. Folhetim. 4. História da leitura. 5. Maranhão. I. Título.

CDU: 821.133.1(812.1)

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

ANA GABRIELA DA CRUZ PEREIRA

**A LITERATURA FRANCESA NAS COLUNAS DO JORNAL *PUBLICADOR*
*MARANHENSE***

Aprovado em: 08/01/2025

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
IZENETE NOBRE GARCIA
Data: 08/01/2026 10:27:26-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão/Campus Zé Doca



Documento assinado digitalmente
ALESSANDRA GREYCE GAIA PAMPLONA
Data: 08/01/2026 20:53:16-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Alessandra Greyce Gaia Pamplona (Membro)
Instituto Federal de Educação do Pará/Campus Belém



Documento assinado digitalmente
SHIRLEY LAIANNE MEDEIROS DA SILVA
Data: 19/01/2026 09:02:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Ma. Shirley Laianne Medeiros da Silva (Membro)
Universidade Federal do Pará/Campus Guamá

AGRADECIMENTOS

O Senhor é a minha força e o meu escudo; nele o meu coração confia, e dele recebo ajuda. Meu coração exulta de alegria, e com o meu cântico lhe darei graças. (Salmos 28:7)

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso representa o encerramento de uma importante etapa da minha trajetória acadêmica e pessoal, a qual não teria sido possível sem o apoio, a colaboração e o incentivo de diversas pessoas e da própria instituição.

Agradeço, primeiramente, a Deus, por me conceder força, saúde e perseverança ao longo de todo o percurso acadêmico, especialmente nos momentos de cansaço e insegurança, permitindo-me chegar a esse momento com determinação e grandes aprendizados.

À minha família, expresso minha mais profunda gratidão pelo apoio incondicional, pela paciência, pelas palavras de incentivo e pelo suporte emocional que foram fundamentais durante toda a graduação. Cada conquista alcançada é também fruto do amor, da compreensão e do esforço de vocês.

Agradeço, imensamente, aos meus pais Edinilson e Gislene, meu esposo Hemerson Breno, aos meus irmãos, avós e tios, que tornaram o meu sonho, o sonho deles e fizeram de tudo para que fosse realizado e conquistado, com muito incentivo, amor, cuidado e mesmo de longe me apoiando em todas as viagens para apresentação de trabalhos. Vocês se tornaram o meu pilar e a minha base para que hoje eu escrevesse essas últimas linhas que são reflexos desses maravilhosos quatro anos.

À minha orientadora, Profa. Dra. Izenete Nobre Garcia, agradeço de maneira especial pela orientação atenta, pela disponibilidade, pelo rigor acadêmico e pelas valiosas contribuições ao longo de toda a graduação. Por ter me apresentado, em 2022, a pesquisa em literatura, e me feito ter um amor pela minha profissão. Sua competência, dedicação e sensibilidade intelectual foram essenciais para o meu desenvolvimento durante todas as pesquisas que realizamos juntas.

Aos professores do Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão, agradeço pelos ensinamentos compartilhados ao longo da graduação, que contribuíram significativamente para minha formação acadêmica, crítica e humana.

Aos colegas de curso, agradeço pela convivência, pelas trocas de conhecimento, pelas discussões acadêmicas e pelo apoio mútuo ao longo dessa caminhada, que tornaram a jornada universitária mais leve e significativa.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho, seja por meio de palavras de incentivo, apoio emocional ou colaboração acadêmica. A todos, minha sincera gratidão.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa a presença e a circulação da literatura francesa nas colunas do jornal *Publicador Maranhense* ao longo do século XIX, buscando compreender o papel desse periódico na formação do leitor de romances franceses no Maranhão oitocentista. Inserido em um contexto de consolidação da imprensa periódica no Brasil, o jornal atuou simultaneamente como órgão oficial do governo provincial e como importante mediador cultural, veiculando informações políticas, administrativas e uma expressiva quantidade de textos literários, especialmente por meio da seção de folhetim. A pesquisa fundamenta-se em uma abordagem histórico-literária, apoiada na análise de fontes primárias, edições do *Publicador Maranhense* disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, e no diálogo com estudos sobre imprensa, leitura e circulação no século XIX. O levantamento e a catalogação das narrativas de prosa de ficção publicadas entre 1842 e 1885 evidenciaram a predominância de romances franceses, revelando uma escolha editorial alinhada aos modelos estéticos e culturais valorizados pelas elites letradas da província. Autores como Paul Féval, Émile Richebourg, Victor Hugo, Jules Verne e Alexandre Dumas Filho figuram com destaque nas páginas do periódico, reforçando a centralidade da França como referência simbólica de modernidade e prestígio cultural. A análise das práticas editoriais, como o uso recorrente de pseudônimos, a ausência de autoria definida e a publicação seriada de narrativas frequentemente interrompidas, permitiu compreender as condições materiais da imprensa provincial e os modos específicos de produção e circulação dos textos literários. À luz das reflexões de Roger Chartier e Márcia Abreu, constatou-se que a leitura no Maranhão oitocentista era uma prática social restrita, associada à distinção cultural, na qual o jornal desempenhava papel fundamental como intermediário entre o público leitor e a literatura estrangeira.

Palavras-chave: Imprensa oitocentista; Literatura francesa; Folhetim; História da leitura; Maranhão.

ABSTRACT

This Course Completion Work analyzes the presence and circulation of French literature in the columns of the newspaper *Publicador Maranhense* throughout the 19th century, seeking to understand the role of this periodical in the formation of the reader of French novels in Maranhão during the 1800s. Inserted in a context of consolidation of the periodical press in Brazil, the newspaper acted simultaneously as an official organ of the provincial government and as an important cultural mediator, conveying political and administrative information and a significant amount of literary texts, especially through the feuilleton section. The research is based on a historical-literary approach, supported by the analysis of primary sources — editions of *Publicador Maranhense* available at the Brazilian Digital Newspaper Library — and dialogue with studies on the press, reading, and cultural circulation in the 19th century. The survey and cataloging of fiction prose narratives published between 1842 and 1885 showed the predominance of French novels, revealing an editorial choice aligned with the aesthetic and cultural models valued by the province's educated elites. Authors such as Paul Féval, Émile Richebourg, Victor Hugo, Jules Verne, and Alexandre Dumas Filho are prominent in the pages of the periodical, reinforcing France's centrality as a symbolic reference of modernity and cultural prestige. The analysis of editorial practices, such as the recurrent use of pseudonyms, the absence of defined authorship, and the serial publication of narratives often interrupted, allowed us to understand the material conditions of the provincial press and the specific modes of production and circulation of literary texts. In light of the reflections of Roger Chartier and Márcia Abreu, it was found that reading in Maranhão in the 1800s was a restricted social practice, associated with cultural distinction, in which the newspaper played a fundamental role as an intermediary between the reading public and foreign literature.

Keywords: 19th-century press; French literature; Feuilleton; History of reading; Maranhão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O PUBLICADOR MARANHENSE E SUA INSERÇÃO NO MERCADO EDITORIAL DO SÉCULO XIX	12
3 A FORMAÇÃO DO LEITOR NO MARANHÃO A PARTIR DOS ROMANCES OITOCENTISTAS	20
4 CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS	35

1 INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX, a imprensa periódica desempenhou papel fundamental na circulação de ideias, na formação de públicos leitores e na difusão de modelos culturais no Brasil. Em um contexto marcado por baixos índices de alfabetização e por profundas desigualdades sociais, os jornais assumiram a função de mediadores privilegiados da cultura letrada, articulando informação política, entretenimento e literatura. Entre os diversos gêneros que encontraram espaço nas páginas dos periódicos oitocentistas, o folhetim destacou-se como um dos principais canais de divulgação da prosa de ficção, especialmente de romances estrangeiros, com destaque para a produção francesa.

Nesse cenário, a literatura francesa exerceu influência decisiva sobre o imaginário literário brasileiro, tornando-se referência estética, cultural e simbólica, sobretudo entre as elites urbanas. Conforme aponta Marlyse Meyer (1996), o folhetim francês constituiu-se como um verdadeiro produto de exportação cultural, sendo amplamente difundido nos jornais brasileiros e contribuindo para a formação de hábitos de leitura seriada. Essa influência não se limitou aos grandes centros editoriais, como Rio de Janeiro e Recife, alcançando também as províncias, onde os periódicos locais desempenhavam papel central na mediação entre o público leitor e a produção literária internacional.

No Maranhão, o jornal *Publicador Maranhense*, fundado em 1842, destacou-se como um dos principais veículos de circulação de textos literários ao longo do século XIX. Atuando simultaneamente como órgão oficial do governo provincial e como espaço de divulgação cultural, o periódico manteve, durante décadas, uma coluna de folhetim que veiculou um número expressivo de narrativas ficcionais, majoritariamente de origem francesa. Essa presença recorrente revela não apenas o gosto literário de seu público leitor, mas também uma política editorial alinhada aos modelos culturais europeus então valorizados, especialmente os franceses.

A análise da literatura francesa nas colunas do *Publicador Maranhense* permite compreender o jornal como um mediador cultural ativo, responsável por selecionar, adaptar e redistribuir textos que contribuíram para a formação de um público leitor específico no Maranhão oitocentista. Conforme discutem Márcia Abreu (2006) e Roger Chartier (1990), os impressos não apenas difundem textos, mas moldam práticas de leitura, expectativas estéticas e formas de apropriação cultural. Nesse sentido, investigar quais obras foram publicadas, por

quanto tempo permaneceram em circulação e sob quais condições editoriais possibilita lançar luz sobre as dinâmicas de produção, circulação e consumo da literatura no período.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar a presença e a circulação da literatura francesa nas colunas do jornal *Publicador Maranhense*, entre os anos de 1842 e 1885, buscando compreender o papel do periódico na formação do leitor de romances franceses no Maranhão do século XIX. Como objetivos específicos, pretende-se: examinar a inserção do *Publicador Maranhense* no mercado editorial oitocentista; identificar as principais obras e autores franceses publicados em seu folhetim; analisar as práticas editoriais relacionadas à autoria, ao uso de pseudônimos e à serialização das narrativas; e refletir sobre as práticas de leitura e os mecanismos de distinção cultural associados ao consumo desses textos.

A pesquisa adota uma abordagem de natureza histórico-literária, fundamentada na análise de fontes primárias, edições do *Publicador Maranhense* disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira, e no diálogo com a bibliografia especializada sobre imprensa, leitura e cultura letrada no século XIX. Autores como Roger Chartier, Márcia Abreu, Marlyse Meyer, Laurence Hallewell e Socorro Barbosa fornecem o suporte teórico necessário para a compreensão das relações entre imprensa, literatura e sociedade no contexto oitocentista.

A estrutura do trabalho organiza-se em três partes principais. No primeiro item, discute-se a inserção do *Publicador Maranhense* no mercado editorial do século XIX, destacando sua trajetória, seu perfil editorial e seu papel como mediador cultural na província. Em seguida, analisa-se a formação do leitor de romances franceses no Maranhão oitocentista, a partir do estudo das obras publicadas no folhetim, das práticas de autoria e das preferências estéticas predominantes. Por fim, apresentam-se as conclusões, nas quais se sintetizam os principais resultados da pesquisa e se apontam possibilidades para estudos futuros sobre a imprensa e a circulação literária no Maranhão do século XIX.

Ao investigar a centralidade da literatura francesa nas páginas do *Publicador Maranhense*, este estudo busca contribuir para os debates sobre a circulação transnacional de modelos literários, a formação do público leitor brasileiro e o papel da imprensa provincial na constituição da cultura letrada. Ao mesmo tempo, reafirma a importância do Maranhão como espaço de recepção, apropriação e ressignificação de repertórios culturais estrangeiros, evidenciando que, mesmo em contextos periféricos, os jornais desempenharam papel decisivo na construção dos imaginários literários do século XIX.

2 O PUBLICADOR MARANHENSE E SUA INSERÇÃO NO MERCADO EDITORIAL DO SÉCULO XIX

Ao longo do século XIX, a produção literária na Europa e, por extensão, no Brasil, foi marcada pelas transformações político-sociais e pelas dinâmicas culturais do período. Nesse contexto, a literatura exerceu papel formador de imaginários e de mudança nas mentalidades, sendo o folhetim um dos principais canais dessa mediação. Essa seção dos jornais, dedicada à publicação seriada de romances, contos e crônicas, consolidou-se como espaço privilegiado de circulação de obras nacionais e estrangeiras, especialmente traduções e adaptações de autores europeus, segundo o modelo francês.

No Maranhão, o *Publicador Maranhense*, ativo na segunda metade do oitocentos, destacou-se como uma das principais plataformas de veiculação literária na província, tendo papel central na difusão da cultura letrada. Sua coluna de folhetim oferecia ao público uma variedade de narrativas seriadas, muitas vezes traduzidas ou adaptadas de autores franceses, refletindo uma preferência local por esse tipo de produção e sua função enquanto entretenimento e marcador de distinção cultural.

A forma de consumo desses textos também era relevante. Como observa Barbosa (2007, p. 85), “a leitura em voz alta era prática comum, e os jornais funcionavam como suporte para distintas formas de circulação textual, como a leitura partilhada e o empréstimo de exemplares”. Dessa forma, os periódicos não apenas difundiam obras, mas influenciavam diretamente os hábitos de leitura da época.

A influência cultural francesa no Maranhão oitocentista extrapolava o campo literário, manifestando-se em costumes, moda, anúncios de produtos importados e até no uso da língua francesa, como aponta Antonia Souza (2017). Mesmo em um cenário periférico e marcado por desigualdades, o desejo de aproximação com os padrões culturais franceses era evidente, sobretudo entre os leitores urbanos de São Luís, cidade com forte tradição intelectual e vínculos históricos com a França. Nesse sentido, a leitura de folhetins franceses se tornava uma marca de pertença a uma esfera letrada que via na cultura europeia, especialmente na francesa, um modelo a ser seguido.

O jornal acabou se tornando um marco na história da imprensa e da cultura letrada da província, num período de consolidação do mercado editorial brasileiro. Apesar da expansão da imprensa após a criação da Imprensa Régia em 1808, a leitura continuava restrita a uma elite alfabetizada e proprietária, dada a baixa taxa de alfabetização da população (Hallewell, 2017). O periódico, sob direção de Ignácio José Ferreira e com redação inicial de João Francisco

Imagem 1: *Publicador Marancão* 01, de 09/07/1842

Com três edições semanais até 1862, quando passou a ser diário, o jornal teve papel expressivo durante a Guerra do Paraguai (1865-1868), veiculando propaganda favorável à campanha militar. Seu posicionamento editorial, o perfil de seus redatores e a natureza de suas matérias são elementos centrais para a compreensão da imprensa maranhense oitocentista, tornando-o uma fonte primária valiosa para os estudos históricos do período.

Como aponta Márcia Abreu (2006), os jornais do século XIX desempenhavam funções múltiplas, reunindo conteúdos políticos, comerciais e culturais, e servindo como canais de circulação de textos literários. O *Publicador Maranhense* deve, assim, ser compreendido não apenas como meio informativo, que buscava formar e ampliar o público leitor.

O prospecto do *Publicador Maranhense*, publicado em 09 de julho de 1842, permite observar a constituição de uma identidade editorial assentada sobre um discurso de moderação, objetividade e utilidade pública. A formulação inicial, “Convidados a tomar a redação deste jornal, julgamos indispensável dizer alguma coisa [...] sobre a direção que pretendemos dar-lhe”, estabelece um acordo comunicativo com o leitor, inserindo o texto no gênero prospecto, tradicionalmente voltado à apresentação dos princípios fundadores de um periódico.

O enunciado caracteriza-se por uma estrutura argumentativa que opõe dois modelos de imprensa: o da imprensa partidarizada, descrita por imagens de violência verbal (“ódios se envenenam”, “punhais nas feridas já abertas”), e o que o jornal propõe, voltado à pluralidade de interesses da sociedade. O uso dessas metáforas intensifica a crítica à repetição dos embates ideológicos, conferindo ao novo jornal um posicionamento de racionalidade e equilíbrio. Tal oposição não se reduz a uma rejeição do político, mas a uma tentativa de deslocar o centro do discurso jornalístico da contenda partidária para a esfera informativa.

A organização do conteúdo proposta pelos editores - política, legislação, comércio e variedades -, indica uma segmentação funcional do jornal, voltada à circulação de saberes úteis e ao entretenimento moderado. A categoria “variedades que instruem recreando” articula duas funções da imprensa oitocentista: formar e distrair, conforme os modelos franceses amplamente adotados pela imprensa brasileira do período. O discurso não propõe a ruptura com os paradigmas da modernidade letrada, mas sim a sua adaptação ao contexto provincial, assumindo um papel de mediação entre os grandes centros e o público local.

A referência aos “jornais da Europa” como modelo de extração de artigos reforça essa função mediadora, sugerindo um intercâmbio seletivo com o exterior. Ao afirmar que manterá “rigorosa neutralidade entre os diversos partidos”, o jornal constrói uma identidade editorial que se afasta do panfleto ideológico e se aproxima de um ideal de imprensa esclarecida.

Esse posicionamento é reforçado pela explicitação de que os editores não pertencem a nenhum partido, nem por convicção nem por interesse, o que inscreve o enunciador num lugar de independência argumentativa.

A articulação entre esses dois pontos evidencia o jornal como um espaço de mediação cultural e intelectual no contexto provincial. De um lado, a organização temática do conteúdo e a valorização das “variedades que instruem recreando” revelam um projeto editorial voltado à difusão de saberes considerados úteis, aliado a um entretenimento compatível com os valores da modernidade letrada. De outro, a referência constante aos modelos europeus e a afirmação de neutralidade política constroem uma identidade editorial que busca legitimação por meio do distanciamento do partidarismo e da filiação a ideais de uma imprensa esclarecida. Nesse sentido, o periódico não apenas seleciona e adapta conteúdos estrangeiros ao público local, mas também se apresenta como agente formador, equilibrando informação, instrução e moderação discursiva, ao mesmo tempo em que negocia sua inserção entre os centros culturais hegemônicos e a realidade social da província.

O uso de formas verbais no futuro indica um compromisso projetado com o leitor, caracterizando o prospecto como uma promessa pública de conduta. Ao mesmo tempo, o reconhecimento das limitações, “posto que não tenhamos uma exagerada confiança em nossas forças”, introduz um movimento de modéstia que busca atenuar possíveis críticas e legitimar o empreendimento por meio da honestidade.

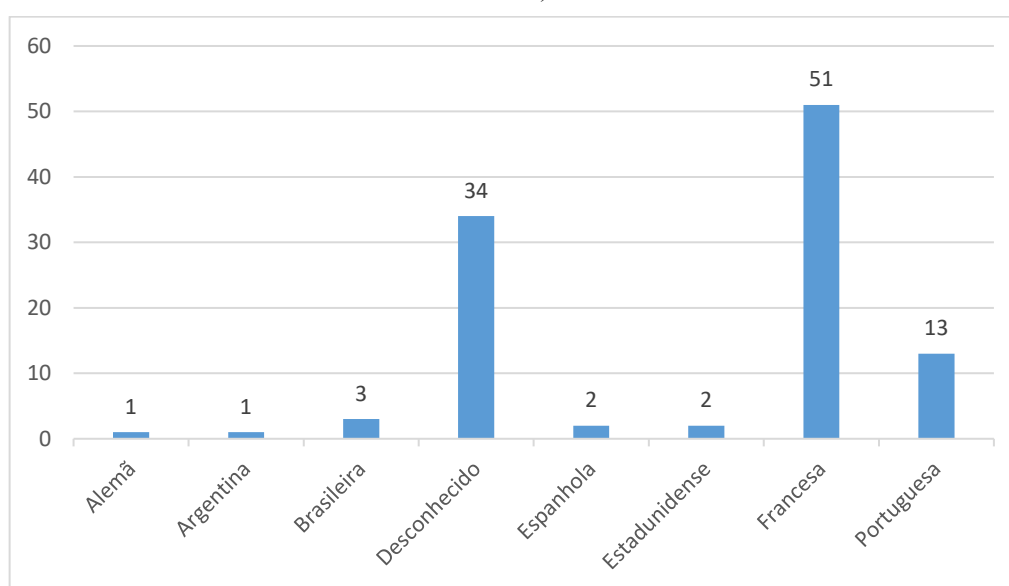
Assim, o prospecto constrói um discurso que reivindica credibilidade por meio da moderação, da transparência e da orientação informativa. A estrutura argumentativa sustenta-se na oposição entre um modelo de imprensa violento e polarizado e um novo modelo proposto, marcado pela neutralidade e pela pluralidade temática. Tal construção revela os mecanismos discursivos pelos quais o *Publicador Maranhense* se insere no campo jornalístico oitocentista como mediador social, cultural e político, ainda que distanciado das formas explícitas de militância partidária.

A imprensa provincial dependia das tipografias locais e da circulação por assinaturas, ainda assim exercendo papel fundamental na constituição de uma esfera pública letrada. O jornal *Publicador Maranhense* era fortalecido pela adaptação e reprodução de conteúdo oriundos de centros editoriais como Lisboa, Paris e Rio de Janeiro, permitindo a difusão de modelos literários em escala transnacional.

A presença recorrente de traduções de romances franceses nos jornais maranhenses, frequentemente seguidas de publicações em formato de livro, revela a profundidade da

influência francesa sobre a província no século XIX. Como observa Souza (2017), essa influência extrapolava o campo literário e se manifestava nos hábitos de consumo, nos modos de sociabilidade e no imaginário da elite local, que tomava a França como referência privilegiada de civilização, gosto e modernidade. A circulação dessas narrativas nos periódicos, portanto, não se limitava ao entretenimento, mas contribuía para a consolidação de valores culturais associados ao prestígio europeu, reforçando processos de distinção social e simbólica no contexto maranhense. tal influência era visível também nos hábitos de consumo da elite local:

Gráfico 1: Autoria das publicações nas colunas Folhetim e Variedade do jornal *Publicador Maranhense* (1842-1885)



Fonte: A Autora, 2025.

A distribuição das nacionalidades dos autores dos folhetins do *Publicador Maranhense*, com 51 franceses, 34 de autoria desconhecida, 13 portugueses e 3 brasileiros, com presenças residuais de outras origens, configura um mapa de suas prioridades editoriais. Esta composição específica ultrapassa a dimensão do acervo para revelar uma política cultural deliberada. Quando se fala em ultrapassar dimensões no acervo, era por que durante a pesquisa tinha-se em mente que um número relativo de obras estrangeiras seria encontrado, mas, no entanto, não se tinha ideia que grande parte dessas obras seriam apenas de uma nacionalidade, mesmo que estivessemos falando de romances franceses.

A hegemonia francesa, que corresponde à maioria dos textos, consolida no plano numérico a influência diagnosticada por Marlyse Meyer. A seleção massiva deste repertório não respondia a uma oferta aleatória, mas a um projeto de representação social. Através da

repetição sistemática de autores franceses, o periódico construía para seu público uma imagem de modernidade. Cada folhetim francês funcionava como um sinal de adesão a um circuito cultural internacional.

O volume significativo de textos de autoria desconhecida, o segundo maior conjunto, constitui um dado estrutural. Esta categoria não representa uma falha catalográfica, mas a materialização de práticas editoriais correntes no período. Conforme aponta a pesquisa de Socorro Barbosa sobre a imprensa oitocentista, o anonimato, os pseudônimos indecifráveis e a publicação de adaptações sem atribuição eram procedimentos comuns. A presença expressiva do “desconhecido” evidencia a natureza utilitária do folhetim, cuja função era garantir a regularidade da publicação, muitas vezes através da reapropriação e da circulação de textos sem assinatura definida.

A representação reduzida das autorias portuguesa e, especialmente, brasileira estabelece uma hierarquia cultural. A presença lusitana, ainda que em número consideravelmente menor que a francesa, mantinha um canal tradicional de abastecimento literário. Já a quase insignificância da produção nacional, apenas três textos em todo o período demonstram que, mesmo nas décadas finais do Império, o espaço privilegiado do folhetim em um jornal oficial de província permanecia essencialmente fechado à literatura produzida no país.

As demais nacionalidades, com um ou dois textos cada, confirmam o caráter periférico de outras influências. Sua presença esporádica sugere uma circulação sem a sistematicidade que caracterizava o fluxo francês.

A análise dos números permite concluir que o *Publicador Maranhense* imprimia uma seleção consciente. A desproporção entre as nacionalidades não era um reflexo passivo do mercado, mas uma construção ativa. Através dela, o jornal não apenas atendia a um gosto, mas o institucionalizava, reforçando cotidianamente, na materialidade de suas colunas.

O estudo do *Publicador Maranhense* demonstra o valor dos periódicos como fontes históricas para o estudo da produção literária do período. Conforme Barros (2019, p. 15-16), tais fontes são “tudo aquilo que, produzido por seres humanos ou marcado por sua ação, permite acesso significativo à compreensão do passado”. A pluralidade dessas fontes, que inclui desde textos até registros materiais e simbólicos, é essencial para a construção do conhecimento histórico.

Para Chartier (1990), os textos são sempre apropriados por comunidades de leitores que os interpretam à luz de suas expectativas e convenções. A publicação de romances no folhetim do *Publicador Maranhense* confirma, portanto, um espaço de circulação e apropriação

cultural, onde a literatura estrangeira era ressignificada segundo o contexto de seus leitores. O jornal, assim, não apenas divulgava obras, mas moldava práticas de recepção que contribuíram para a constituição de uma cultura literária regional.

No entanto, ao se catalogarem os romances publicados no folhetim do *Publicador Maranhense*, surgem questionamentos quanto ao consumo efetivo dessas narrativas. Teriam sido lidas integralmente pelos assinantes, ou sua presença no jornal funcionava sobretudo como símbolo de distinção cultural? ‘Esse questionamento surgiu a partir das pesquisas realizadas nas obras durante a catalogação, pois como pesquisadora busquei ler e entender as obras que mais me atraía na forma da escrita, enredo e estrutura dos romances, acredita-se que algumas obras li sem que houvesse prestígio como leitora, o que trouxe uma compreensão mais assertiva acerca das obras publicadas e com pouco impacto no meio dos leitores. No entanto essa forma retoma a reflexão de Chartier (1990) sobre a necessidade de distinguir o que era efetivamente lido do que estava apenas disponível.

A existência do texto impresso não assegura sua apropriação leitora, já que os impressos podem cumprir funções simbólicas e identitárias, independentemente da leitura integral. Nesse sentido, é plausível considerar que a publicação de romances franceses em folhetim servia como marcador de prestígio e alinhamento às modas literárias europeias. Como ressalta Meyer (1996), o folhetim, apesar de seu apelo popular, exigia hábito e disciplina de leitura seriada, características restritas a um grupo seletivo no Brasil oitocentista.

A presença desses textos, portanto, não garante sua leitura contínua. Granja (2009) observa que os jornais atuavam como mediadores seletivos, determinando conteúdos e formas de interpretação, ainda que nem sempre houvesse público capaz de corresponder a essas propostas.

No Maranhão do século XIX, o público leitor era majoritariamente masculino, composto por funcionários públicos, profissionais liberais, clérigos e professores, grupos com maior acesso aos jornais, o que corrobora com a afirmativa de Márcia Abreu (2006) de que a cultura letrada brasileira do período era privilégio das camadas superiores, associando leitura à distinção social e intelectual.

Essa dinâmica era intensificada pelo afastamento em relação aos grandes centros editoriais, como o Rio de Janeiro e Recife, bem como pelas dificuldades na circulação de impressos. Com poucas tipografias em funcionamento, as províncias dependiam em grande medida da chegada de periódicos estrangeiros e de materiais vindos de outras regiões, o que fez do *Publicador Maranhense* um dos principais mediadores da cultura impressa no Maranhão.

Nesse contexto, a leitura assumia frequentemente um caráter coletivo, realizada em praças, teatros ou em pequenos círculos sociais vinculados à elite local. Mais do que aproximar os leitores de outras realidades, o jornal contribuía para a constituição de um espaço de sociabilidade intelectual restrito, no qual a imprensa desempenhava papel central na formação cultural da alta sociedade maranhense.

Configura-se, desse modo, um circuito de leitura limitado e socialmente marcado, no qual o jornal atua como mediador entre a literatura e o público leitor. Ao mesmo tempo em que ampliava, ainda que de forma parcial, o acesso aos textos literários, a imprensa reforçava as hierarquias sociais existentes, atribuindo prestígio àqueles que dominavam a leitura. A veiculação de romances em formato de folhetim pelo *Publicador Maranhense* aprofundava essa dinâmica, funcionando tanto como espaço de divulgação literária quanto como mecanismo de afirmação cultural e distinção intelectual.

3 A FORMAÇÃO DO LEITOR DO MARANHÃO A PARTIR DOS ROMANCES OITOCENTISTA

O *Publicador Maranhense* estabeleceu-se como um veículo importante no cenário jornalístico da província. Como órgão oficial do governo provincial, o periódico circulava inicialmente três vezes por semana, tornando-se diário a partir de 1862. Durante a Guerra do Paraguai (1865-1868), o *Publicador Maranhense* assumiu um papel estratégico na difusão de discursos pró guerra, refletindo as posições políticas de seus editores, anunciada no prospecto, em 1842. A análise de sua linguagem e conteúdo editorial contribui para a compreensão da estrutura da imprensa maranhense e das dinâmicas sociopolíticas do Brasil no século XIX. Conforme observa Laurence Hallewell, os jornais provinciais frequentemente constituíam “as principais fontes de informação política e cultural das comunidades locais”, atuando como formadores de opinião pública (Hallewell, 2017, p. 312).

Ao longo de suas quatro décadas de circulação, o periódico manteve regularidade em suas edições com a presença contínua da prosa de ficção em sua coluna de folhetim. Mesmo com a substituição periódica de obras, algumas das quais desapareceram sem conclusão aparente, a manutenção da seção demonstra sua função como instrumento de entretenimento. O jornal também ampliava a visibilidade da produção literária ao anunciar, em seus espaços publicitários, romances, novelas e outros impressos disponíveis na província.

A investigação do conteúdo literário, realizada nas edições disponíveis na Hemeroteca Digital entre 1842 e 1885, revelou que muitos textos eram assinados por pseudônimos ou apenas por iniciais. O uso de pseudônimos integrava-se às práticas editoriais da época, sendo agravado pelas condições materiais da imprensa provincial, como a escassez de tipografias e a dependência de traduções apressadas. A lista dos textos de prosa de ficção publicados no *Publicador Maranhense* demonstra esse tipo de prática, uma vez que dos 107 catalogados, 28 são de autoria desconhecida e 12 são com pseudônimos:

Tabela 1: Narrativas publicadas no jornal *Publicador Maranhense* entre 1842 e 1885

or.	Narrativa publicada no <i>Publicador Maranhense</i>	Autoria	Nacionalidade	Ano do Jornal
1	<i>O Segredo da Viúva</i>	A. Matthey	Francesa	1881
2	<i>O Prato de Arroz Doce</i>	A.A. Texeira de Vasconcellos	Portuguesa	1863
3	<i>A Porta do S. Diniz</i>	Adolfo Favre	Francesa	1877
4	<i>Branca de Beaulieu</i>	Alexandre Dumas	Francesa	1853
5	<i>Os Dramas do Mar: Bontekoe</i>	Alexandre Dumas	Francesa	1860

6	<i>As Mulheres Que Matam E As Mulheres Que votam</i>	Alexandre Dumas Filho	Francesa	1880
7	<i>O último dia de um carrasco</i>	Alfredo de Bougy	Francesa	1856
8	<i>História de um Melhor Branco</i>	Alfredo Musset	Francesa	1874
9	<i>O pajem anão</i>	Alfredo Sarmento	Portuguesa	1868
10	<i>Viagens na minha Terra</i>	Almeida Garrett	Portuguesa	1848
11	<i>Leonor de Montefeltro</i>	Alph Royer	Francesa	1861
12	<i>Aventuras de uma Penna de Escrever</i>	Alph. Karr	Francesa	1844
13	<i>História das Revoluções de Pirmasentz, Cidade de 78 casas</i>	Alph. Karr	Francesa	1844
14	<i>O capitão Ludovisi</i>	Alphonse Bot	Francesa	1867
15	<i>A última Dona de S. Nicolau</i>	Arnaldo Gama	Portuguesa	1865
16	<i>As flores da praia</i>	C. Jardim	Portuguesa	1868
17	<i>A Filha do Dr. Negro</i>	Camilo Castello Branco	Portuguesa	1865
18	<i>Folhetim científico</i>	Camilo Castello Branco	Portuguesa	1868
19	<i>Um Duello</i>	Carlos Melville	Francesa	1843
20	<i>Bonito Demais</i>	CH GRANDVALLET	Francesa	1856
21	<i>O Sangue do Povo</i>	D. Manoel Fernandes y Gonçalves	Espanhola	1875-1876
22	<i>A Filha do Mercador</i>	Desconhecido	Desconhecido	1862
23	<i>A Pena de Talão</i>	Desconhecido	Desconhecido	1842
24	<i>A Photographia da Morta</i>	Desconhecido	Desconhecido	1871
25	<i>A Sombra e a Luz</i>	Desconhecido	Desconhecido	1868
26	<i>A Sra. de Lafaille</i>	Desconhecido	Desconhecido	1844
27	<i>A Terra da Promissão</i>	Desconhecido	Desconhecido	1861
28	<i>Angélica ou a namorada paraense</i>	Desconhecido	Desconhecido	1850
29	<i>Café</i>	Desconhecido	Desconhecido	1849
30	<i>Dolores - História Dramática</i>	Desconhecido	Desconhecido	1875
31	<i>História de Uma Lágrima</i>	Desconhecido	Desconhecido	1867
32	<i>Lendas, Superstições, e crenças populares - A Sina de Família</i>	Desconhecido	Desconhecido	1861
33	<i>Maneca e seus amores</i>	Desconhecido	Desconhecido	1861
34	<i>O Alfaiate e a Mulher ou O que prova muito não prova nada</i>	Desconhecido	Desconhecido	1843
35	<i>O Baile</i>	Desconhecido	Desconhecido	1881
36	<i>O Balão Gabriel</i>	Desconhecido	Desconhecido	1881
37	<i>O Borrão de Tinta</i>	Desconhecido	Desconhecido	1867
38	<i>O Casamento Improvisado</i>	Desconhecido	Desconhecido	1843
39	<i>O copo d'água</i>	Desconhecido	Desconhecido	1850
40	<i>O deão de Santiago</i>	Desconhecido	Desconhecido	1843
41	<i>O Quarto de Amiga</i>	Desconhecido	Desconhecido	1845
42	<i>Pepa</i>	Desconhecido	Desconhecido	1869
43	<i>Germana</i>	Desconhecido	Desconhecido	1858

44	<i>Sofia, a louca</i>	Desconhecido	Desconhecido	1856
45	<i>Um Provinciano Ladino</i>	Desconhecido	Desconhecido	1868
46	<i>Um Romance Intimo (Fragmentos)</i>	Desconhecido	Desconhecido	1868
47	<i>Uma Expulsão de Folhas de Laranjeira</i>	Desconhecido	Desconhecido	1843
48	<i>Uma visita à tia Micaela</i>	Desconhecido	Desconhecido	1848
49	<i>Um Roubo - A Escolha de um creado I</i>	Desconhecido	Estadunidense	1856
50	<i>O Sr. Desaint - Roch</i>	E. Gaboriau	Francesa	1875
51	<i>Pimpona e Mimosa</i>	Ed. Coppin	Francesa	1856
52	<i>Bianca Capello</i>	Emile Souvestre	Francesa	1871
53	<i>O Filho</i>	Emilio Richebourg	Francesa	1880
54	<i>OS DOUS BERÇOS</i>	Emilio Richebourg	Francesa	1882
55	<i>Estava Escripto</i>	ERIS	Brasileira	1874
56	<i>Luizinha</i>	ERIS	Brasileira	1874
57	<i>Malfadados</i>	ERIS	Brasileira	1874
58	<i>Thereza - Historia de Hontem</i>	Ernest Daudet	Francesa	1864
59	<i>Uma Comédia de Salão</i>	Ernesto Deletré	Francesa	1867
60	<i>O Segredo do Cemitério</i>	Ernesto Duplessis	Francesa	1863
61	<i>Romances para senhoras: como é que se ama</i>	Estevão Enault	Francesa	1856
62	<i>O Rei de Ouro</i>	Eugène Scribe	Francesa	1842
63	<i>A Boneca do Diabo - Primeira Parte</i>	Eugenio Guinot	Francesa	1862
64	<i>Uma Noite de Lord Byron</i>	Eugênio Pelletan	Francesa	1861
65	<i>As Noites em Constantinopla</i>	F. DU. Boisgobey	Francesa	1877
66	<i>Epístola e Reinado Carlos Montoro</i>	Faustino Xavier de Novaes	Portuguesa	1868
67	<i>Os Paios</i>	Faustino Xavier de Novaes	Portuguesa	1868
68	<i>Um Dote em Papel</i>	Faustino Xavier de Novaes	Portuguesa	1868
69	<i>Uma Aventura</i>	Faustino Xavier de Novaes	Portuguesa	1868
70	<i>Uma paisagem do século</i>	G.	Desconhecido	1867
71	<i>A Velhice de Camões - Novela Histórica</i>	Gabriel de la Landelle	Francesa	1863
72	<i>Duelo de morte</i>	Gustavo de Naquet	Francesa	1868
73	<i>Suzana Normis ou Os Apuros de Um Pai</i>	Henri Gréville	Francesa	1877
74	<i>O Assassino de Fualdes</i>	Horacio Raisson	Francesa	1858
75	<i>Deus remunera a virtude</i>	J. Arima	Desconhecido	1867
76	<i>O Amor do Vampiro</i>	J. Gautier	Francesa	1871
77	<i>A Paschoa de Ressureição</i>	J. Perez Echevarria	Francesa	1880
78	<i>Um Corsario no Tempo de Phillippe II</i>	Joly	Francesa	1842
79	<i>Amalia - Quarta Parte</i>	José Mármol	Argentina	1860

80	<i>O Sabastianista</i>	José Antonio Nogueira de Barros	Portuguesa	1857
81	<i>As Primas de Satanas</i>	Jules de Saint-Felix	Francesa	1866
82	<i>Os Quinhentos Milhões de Begum</i>	Jules Verne	Francesa	1880
83	<i>Os Revoltosos do Bountys</i>	Jules Verne	Francesa	1881
84	<i>Roque e Rita</i>	Júlio de Albergaria	Desconhecido	1867
85	<i>Episódio da Guerra de Catalunha</i>	L.de Baurepaire	Francesa	1856
86	<i>A Pulseira de Coral</i>	Louis Amedée Achard	Francesa	1861
87	<i>Por Causa de um dote</i>	M. Legouvê	Francesa	1874
88	<i>A Flor Seca</i>	Manoel Joaquim Pinheiro Chagas	Portuguesa	1868
89	<i>Possível e Impossível</i>	Marco Aurelio	Desconhecido	1867
90	<i>Francisca</i>	Maxímo	Desconhecido	1867
91	<i>Onda</i>	Maxímo	Desconhecido	1867
92	<i>A Comissão de Pudor</i>	Nacher – Manoch	Alemã	1877
93	<i>A Filha do Médico</i>	Nathaniel Hawthorne	Estadunidense	1861
94	<i>O Corcunda</i>	Paulo Feval	Francesa	1858-1859
95	<i>Florisbella</i>	Pedro Gonzalez	Espanhola	1867
96	<i>A moeda Furada</i>	Philibert Audebrand	Francesa	1856
97	<i>Uma Noite de Young</i>	Philibert Audebrand	Francesa	1867
98	<i>Leitura para senhoras: as lendas da roca e do espelho</i>	Pitre Chevalier	Francesa	1856
99	<i>Crimes de Um Anjo</i>	Renato de Pont-Jest	Francesa	1884
100	<i>Os Ovos da Paschoa</i>	Roger de Beauvoir	Francesa	1857
101	<i>Luiza de França</i>	S.Diniz	Francesa	1862
102	<i>Saudades! Saudades! Está morto</i>	Vicente	Desconhecido	1867
103	<i>Claudio Gueux</i>	Victor Hugo	Francesa	1863
104	<i>O Homem que ri</i>	Victor Hugo	Francesa	1869
105	<i>O Segredo de um Doutor</i>	Victor Perceval	Francesa	1877
106	<i>Um e Outro</i>	Villa Garcia	Francesa	1856
107	<i>Um Amor Maldito</i>	Xavier Montépin	Francesa	1863-1864

Fonte: A Autora, 2025

Observa-se na tabela dos romances publicados um grande número de autores desconhecidos ou com apenas o uso de pseudônimos, essa prática corresponde a um padrão das publicações oitocentistas, naquela época muitas editoras publicavam muitas vezes esses romances apenas como forma de tampar uma lacuna no jornal, ou quando um determinado autor com influência ou não publicava como forma de chamar a atenção do público. Como discute Socorro Barbosa, o anonimato e o uso de pseudônimos constituíam “estratégias recorrentes nos

periódicos antigos, dificultando enormemente a identificação precisa dos autores” (Barbosa, 2013, p. 92). Em muitos casos, conforme ressalta a autora, os pseudônimos “não mantinham qualquer relação direta com o nome real, tornando o trabalho de atribuição um exercício de conjectura histórica” (Barbosa, 2013, p. 94).

A análise dessas práticas editoriais beneficia-se da perspectiva teórica de Roger Chartier sobre a materialidade dos impressos. Para o historiador, compreender um documento exige analisar “as condições de produção, circulação e apropriação que moldam sua existência” (Chartier, 1990, p. 17). No caso do *Publicador Maranhense*, a presença de narrativas de curta duração e autoria desconhecida aponta para um modelo de publicação condicionado por duas demandas principais: a necessidade de preencher o espaço jornalístico com regularidade e a disponibilidade irregular de textos literários. Muitas dessas narrativas podiam ser traduções apressadas, adaptações livres ou produções locais sem pretensão de reconhecimento autoral permanente.

O folhetim se constituía, no espaço principal para a entrada de textos ficcionais, sobretudo os de origem estrangeira, cuja difusão atendia ao gosto das elites locais. A forte presença de narrativas francesas pode ser analisada a partir das discussões de Márcia Abreu sobre a cultura letrada. A autora argumenta que os jornais do século XIX funcionavam como “pontes culturais”, determinando “o que seria traduzido, comentado e consumido” (Abreu, 2006, p. 51). O *Publicador Maranhense* participou ativamente dessa mediação, contribuindo para a formação de um público leitor com preferências específicas. Essa lógica, como observa Marlyse Meyer, reforçava o papel do folhetim como um veículo de “popularização controlada” da literatura, reafirmando a elite como mediadora do acesso ao impresso (Meyer, 1996, p. 102).

O *Publicador Maranhense* confirma sua relevância não apenas como órgão oficial, mas como agente ativo na circulação literária, na configuração de práticas de leitura e na consolidação de uma cultura letrada no Maranhão oitocentista. As tensões entre autoria, mediação e consumo presentes em suas páginas refletem as complexidades da formação do público leitor brasileiro.

A análise das narrativas publicadas no folhetim entre 1842 e 1845, como *A Pena de Talão*, *Aventuras de uma Penna de Escrever* e *O Quarto de Amiga*, demonstra que muitas possuíam uma curta permanência no jornal, sendo veiculadas por apenas duas ou três edições antes de desaparecerem sem continuidade. Esse padrão de interrupção súbita aponta para as instabilidades do processo editorial e para a natureza do folhetim como espaço de experimentação, posto que, conforme Marlyse Meyer argumenta, o jornal era “um lugar de

constante substituição de textos, guiado pela necessidade de preencher o espaço e atrair o leitor”, o que explica a efemeridade de diversas narrativas (Meyer, 1996, p. 87).

Figura 3: O Quarto de Amiga

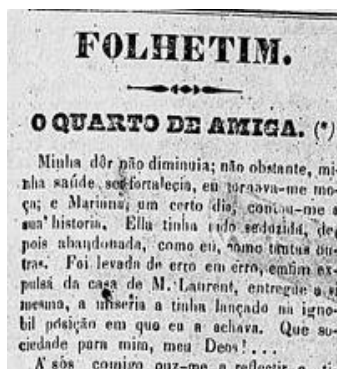


Figura 2: Aventura de uma Penna de Escrever



Figura 1: A Pena de Talão



Fonte: Hemeroteca digital Brasileira

A análise da durabilidade das obras no jornal oferece indícios sobre o público-leitor e suas predileções, iluminando as particularidades da imprensa maranhense. Para além de identificar limitações materiais, revela uma tentativa de atender aos gostos desse público. Conforme Abreu ressalta, os periódicos funcionavam como mediadores culturais que selecionavam “aquilo que se julgava adequado ao consumo dos leitores locais, adequando-se às suas expectativas e interesses” (Abreu, 2006, p. 145). Observa-se na tabela que obras como essas quando eram publicados no folhetim e desapareciam rapidamente não tinham tempo e muitas vezes textos que aproximassem o leitor a obra, e isso refletiam, portanto, nas próprias preferências estéticas dos leitores, isso fazia o jornal ter uma obrigação de atender ao gosto literário entre as elites, e a necessidade de manter o interesse do leitor em um cenário de concorrência entre periódicos.

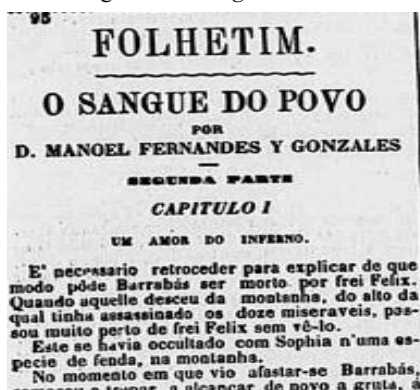
A compreensão dessas dinâmicas deve considerar, ainda, as práticas sociais de leitura. Chartier adverte que a leitura não é um ato meramente individual, mas uma prática social constituída por “modos de apropriação determinados por contextos culturais específicos” (Chartier, 1990, p. 23). No Maranhão oitocentista, tais práticas eram moldadas por um público restrito, cuja interação com o folhetim estava profundamente marcada pelo prestígio social associado ao consumo de certos textos.

A curta duração das obras e a ausência de autoria oferecem, assim, indícios sobre as práticas de produção do *Publicador Maranhense* revelam um sistema editorial adaptável, marcado por improvisações e pela busca constante de adequação às expectativas de um público restrito, porém culturalmente influente, que participava ativamente na definição do que permanecia ou desaparecia das páginas do jornal.

A partir de 1847, nota-se no periódico uma nítida predominância de romances vinculados ao Romantismo. Este movimento literário, ao valorizar a expressão dos sentimentos, a subjetividade e uma representação idealizada da realidade, encontrou no folhetim um espaço de circulação privilegiado. Conforme observa Marlyse Meyer, o folhetim romântico consolidou-se como “o grande produto de exportação literária francesa para o mundo”, exercendo forte influência sobre o gosto dos leitores brasileiros, em especial das elites provinciais. (Meyer, 1996, p. 78)

Essas características se manifestam em obras que exploravam temas típicos do período, como conflitos passionais, dramas familiares e fortes contrastes morais. Um exemplo representativo é *O Sangue do Povo*, de D. Manoel Fernandes y Gonçalves, cuja trama articula elementos sentimentais e dramáticos característicos da estética romântica.

Figura 4: *O Sangue do Povo*



Fonte: Hemeroteca digital Brasileira

O romance *O Sangue do Povo* foi publicado inicialmente em 1876, período que coincide com a maior regularidade de textos românticos no periódico. Tal movimento literário, conforme análise de Antonio Candido, estabeleceu uma “nova sensibilidade”, pautada pela “valorização da interioridade, da imaginação e do sentimento nacional” (Candido, 2002, p. 48). Embora sua trajetória editorial permaneça pouco documentada, a publicação em formato seriado indica que a obra se alinhava às correntes estéticas predominantes no cenário literário do período.

A narrativa de Fernandes y Gonçalves se estrutura a partir de elementos característicos do Romantismo, articulando paixões intensas, dilemas morais e crítica social, em diálogo com os modelos europeus então em circulação no país. Alguns leitores questionam a nacionalidade da obra pois dentro do romance é possível perceber traços, características de um texto espanhol, no entanto, durante a pesquisa e catalogação de dados, foi encontrado

mediante pesquisas externas a hemeroteca digital que a obra é de nacionalidade francesa, mas que obteve uma republicação por um espanhol. Analisando o romance entende-se que a inclusão de *O Sangue do Povo* no *Publicador Maranhense* sugere a existência de um espaço editorial, ainda que restrito, para autores de menor projeção, desde que suas narrativas atendessem à demanda por enredos de forte apelo emocional e conteúdo moralizante.

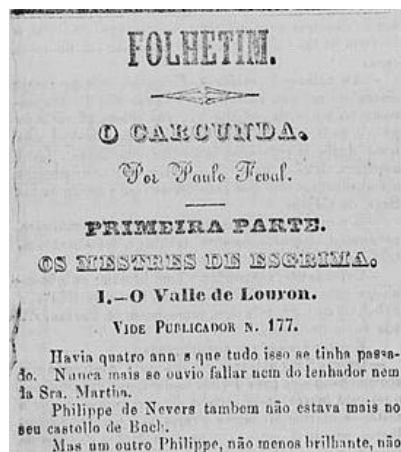
A obra foi veiculada ao longo de 114 edições consecutivas. Sua publicação seriada não apenas correspondia às expectativas de um público em formação, mas também participava ativamente do que Roger Chartier denominou “trabalho social da leitura” (Chartier, 1996, p. 27), atuando na conformação de hábitos literários.

Outros títulos de grande sucesso encontrados nas páginas do periódico reforçam essa preferência. Entre eles estão: *O Filho*, de Émile Richebourg, autor amplamente difundido na imprensa brasileira do oitocentos; *Viagens na Minha Terra*, do português Almeida Garrett, considerada uma obra canônica do Romantismo português; além de *O Corcunda*, de Paul Féval, e *A Boneca do Diabo*, de Eugène Guinot, ambos representantes da literatura em folhetim francesa que conquistou enorme popularidade em periódicos da época.

Figura 5: *A Boneca do Diabo*



Figura 6: *O Corcunda*



Fonte: Hemeroteca digital Brasileira

Entre os romances que alcançaram expressiva recepção a partir de sua publicação no jornal, destaca-se *O Corcunda*, um dos folhetins mais célebres do século XIX da literatura popular francesa, publicado originalmente na coluna em 1858. A narrativa, ambientada na França do final do século XVII, durante o reinado de Luís XIV, segue o cavaleiro Henri de Lagardère, herói carismático envolvido em uma trama de vingança, segredos familiares, duelos e perseguições. O romance inicia com o assassinato do Duque de Nevers, motivado por

interesses políticos e patrimoniais. Lagardère, fiel amigo do duque, assume o juramento de proteger sua filha recém-nascida e vingar sua morte. O romance consolidou Paul Féval como um dos principais autores do romance de “capa e espada”, cuja influência atravessou o século XIX e gerou diversas adaptações para o teatro, o rádio, o cinema e a televisão. (Meyer, 1996)

Figura 8: *O Carcunda*



Fonte: Livro Original

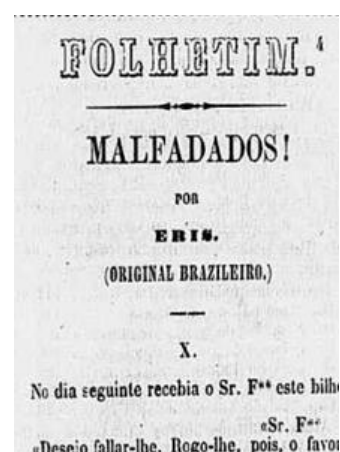
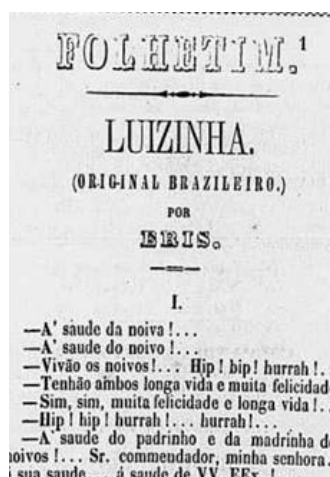
A predominância de romances românticos no folhetim do jornal revela tanto as dinâmicas do mercado editorial da época quanto as estratégias adotadas pelo periódico para captar e manter a atenção de seu público, pois, como analisa Roger Chartier, as escolhas editoriais dos impressos “estavam sempre vinculadas às expectativas de leitura e às formas de apropriação cultural de seus leitores” (Chartier, 1990, p. 34). Desse modo, ao priorizar obras românticas de ampla circulação internacional, o *Publicador Maranhense* atendia às expectativas de um público que buscava no folhetim uma leitura envolvente, sentimental e alinhada aos modelos literários mais valorizados do período.

No intervalo entre 1844 e 1875, o periódico publicou algumas obras atribuídas à nacionalidade brasileira, sendo a autoria frequentemente creditada ao pseudônimo “Eris”. Essa prática constituiu um obstáculo metodológico significativo para a identificação tanto das obras quanto de seus criadores. Conforme assinala Socorro Barbosa, o recurso a pseudônimos e iniciais era uma “convenção do periodismo oitocentista”, especialmente em jornais que publicavam folhetins, dificultando de modo sistemático o trabalho de atribuição autoral na pesquisa contemporânea (Barbosa, 2013, p. 78).

Figura10: Luizinha

Figura11: *Estava Escrito*

Figura 12: Malfadados



Fonte: Hemeroteca digital brasileira

Durante a pesquisa foi encontrado um pseudônimo muito específico que chamou a atenção desta autora, ‘ERIS’, apesar de ser um pseudônimo, sabe-se que sua nacionalidade é brasileira, o que traz uma certa alegria e contentamento em saber que mesmo sendo um autor sem precedentes, é possível identificar obras brasileiras. Ao longo da catalogação minuciosa não possível encontrar o verdadeiro autor. E esse é o ponto crucial para uma pesquisa;

Conforme propõe Roger Chartier, a circulação de textos na imprensa oitocentista frequentemente dissociava-se de uma autoria fixa, uma vez que os periódicos operavam como espaços de “apropriação, montagem e redistribuição de conteúdos” (Chartier, 1990, p. 86). O autor destaca ainda que o impresso periódico resulta sempre de um “trabalho coletivo de ordenamento e transformação”, o que implica que a figura do autor, tal como concebida modernamente, nem sempre se apresenta de forma transparente nesses suportes (Chartier, 1990, p. 89). Nessa perspectiva, a recorrência do pseudônimo “Eris” nas páginas do *Publicador Maranhense* reforça uma prática editorial característica da cultura jornalística da época, na qual a assinatura autoral não constituía necessariamente uma prioridade nem uma garantia de reconhecimento individual.

Ainda que os folhetins fossem dominados por romances, o periódico apresentava igualmente uma variedade de outros conteúdos, como anúncios, críticas literárias, ensaios e peças teatrais. Essa pluralidade ampliava o horizonte temático e atraía um público mais diversificado, consolidando o jornal como um lugar central da vida cultural e intelectual provincial. O estudo dessas obras transcende, assim, a análise literária estrita, iluminando os contextos sociais, históricos e culturais que moldaram tais narrativas.

Alexandre Dumas Filho (1824-1895) figura entre os autores cuja produção literária se articula de forma crítica com o contexto social e histórico de seu tempo, posicionando-se como uma voz proeminente no cenário literário francês do século XIX. Filho ilegítimo de

Alexandre Dumas, renomado autor de romances históricos, Dumas Filho estabeleceu uma trajetória autônoma e distinta. Sua consagração se deu, inicialmente, com a obra *A Dama das Camélias* (1848), que alcançou notável sucesso literário, sendo posteriormente adaptada para o teatro e servindo de base para a ópera *La Traviata*, de Giuseppe Verdi, o que atesta sua relevância e ressonância cultural além do gênero romanesco.

Na década de 1880, Dumas Filho já havia consolidado sua reputação não apenas como romancista, mas também como dramaturgo de reconhecida influência. Sua escrita se caracteriza por um acentuado engajamento crítico, voltado especialmente para a análise das estruturas morais e da hipocrisia inerente à sociedade burguesa da época. Alinhado às premissas do Realismo, seu trabalho propunha uma representação fidedigna e desidealizada da realidade, afastando-se das convenções da corrente romântica.

Um dos eixos temáticos centrais de sua obra, e que ganha expressão em textos de considerável impacto, é a reflexão sobre a condição feminina no século XIX. Dumas Filho desenvolveu uma perspectiva crítica sistemática sobre a opressão social e jurídica sofrida pelas mulheres, problematizando as assimetrias de poder tanto no espaço público quanto no privado. Sua produção se constitui, assim, em uma das primeiras e mais consistentes intervenções literárias a tematizar os direitos das mulheres e a denunciar o tratamento discriminatório a elas destinado, seja nos códigos morais vigentes, seja no próprio ordenamento legal da França oitocentista.

Em sua obra *As Mulheres Que Matam e As Mulheres Que Votam*, Dumas Filho aborda de maneira incisiva a discrepância entre a severidade punitiva dirigida à mulher criminosa e a sistemática negação de seus direitos civis, notadamente o sufrágio. O autor sustenta que, à mesma sociedade que impunha duras penas às mulheres por transgressões legais, cabia recusar-lhes o acesso à plena cidadania política. A obra se configura, assim, como uma crítica contundente às inconsistências de uma ordem social que, ao mesmo tempo em que marginalizava a mulher, submetia-a a rigorosas sanções, colocando em xeque a moralidade vigente.

Dessa forma, Dumas Filho ultrapassa as convenções do drama sentimental, aprofundando-se em uma análise crítica das contradições sociais da França oitocentista. Sua produção não apenas refletiu o espírito de uma época em transformação, mas também contribuiu para a configuração do debate público sobre questões fundamentais, tais como a emancipação feminina, os desequilíbrios de classe e as fissuras da moral burguesa, exercendo influência tanto no campo literário quanto na esfera sociopolítica de seu tempo.



A obra “As Mulheres que Matam e As Mulheres que Votam”. É uma obra que reflete as preocupações do autor com as questões de justiça social e igualdade de gênero, destacando a hipocrisia da sociedade em negar direitos civis às mulheres enquanto as responsabilizava de maneira desigual por seus atos.



Fonte: Hemeroteca digital brasileira

Um aspecto fundamental para a compreensão da obra de Alexandre Dumas Filho reside no peso de suas vivências pessoais, que imprimem um substrato emocional e uma veracidade psicológica aos seus textos. A sua trajetória foi marcada por episódios traumáticos, particularmente a separação forçada de sua mãe durante a infância, um ato legalmente permitido ao pai à época, que gerou uma profunda ferida emocional tanto no autor quanto em sua genitora. Essa experiência formativa exerceu influência decisiva sobre a sua cosmovisão e, consequentemente, sobre a temática e o teor de sua produção literária. (Guimarães, 2008)

Testemunhando o sofrimento materno, Dumas Filho desenvolveu uma sensibilidade aguda para a representação de personagens femininas submetidas a dilemas sociais e dramas íntimos. Em grande parte de sua obra, figuras femininas trágicas e moralmente complexas emergem, frequentemente ecoando a vulnerabilidade e a resistência observadas em sua própria mãe. Seu projeto literário, assim, transcendia a mera narrativa de entretenimento, aspirando a um propósito ético e social. Dumas Filho defendia, de forma consistente, que a literatura deveria funcionar como instrumento de denúncia e como catalisadora de reflexão moral, expondo as injustiças entranhadas na estrutura social. (Guimarães, 2008)

Essa postura concretiza-se em suas posições teóricas, entre as quais se destaca a defesa da legitimação obrigatória dos filhos ilegítimos e do consequente casamento com a mãe. Esta proposta, indissociável de sua condição pessoal de filho natural, constituía uma crítica direta aos códigos morais seletivos e à hipocrisia burguesa. Através de sua escrita, Dumas Filho empenhou-se sistematicamente em desvelar e condenar as desigualdades vigentes, com especial foco na opressão feminina e na duplicidade moral que caracterizava o tratamento das mulheres na sociedade francesa do século XIX.

A investigação sobre a relação entre autor e obra, exemplificada pelo caso de Alexandre Dumas Filho, permite examinar as influências biográficas na produção literária. As

experiências individuais do escritor, ao se refletirem em sua ficção, oferecem um ângulo de observação sobre os condicionantes históricos e sociais que a informam. Essa articulação entre trajetória pessoal e criação textual evidencia o potencial da literatura como documento que revela os valores e repertórios estéticos que orientaram a escrita no período.

4 CONCLUSÃO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a presença e a circulação da literatura francesa nas colunas do jornal *Publicador Maranhense*, ao longo do século XIX, compreendendo o papel desse periódico na formação do público leitor maranhense e na consolidação de práticas de leitura mediadas pelo folhetim. A partir da análise das edições disponíveis entre 1842 e 1885, foi possível constatar que o jornal exerceu uma função central como mediador cultural, articulando interesses políticos, informativos e literários, ao mesmo tempo em que difundia modelos estéticos e narrativos oriundos, sobretudo, da França.

Os dados levantados evidenciam que a predominância de romances franceses no folhetim do *Publicador Maranhense* não se deu de forma aleatória, mas correspondeu a uma escolha editorial consciente, alinhada aos padrões culturais valorizados pelas elites letradas da província. A hegemonia da produção francesa, amplamente superior às demais nacionalidades, revela a centralidade da França como referência simbólica de modernidade, sofisticação intelectual e prestígio cultural no Maranhão oitocentista. Tal preferência reforça o argumento de que o periódico não apenas refletia o gosto do público leitor, mas contribuía ativamente para moldá-lo, institucionalizando determinadas práticas de leitura e exclusões literárias.

A análise das práticas editoriais — como o uso recorrente de pseudônimos, a ausência de autoria definida e a interrupção abrupta de diversas narrativas — permitiu compreender o funcionamento material da imprensa provincial, marcada por limitações técnicas, instabilidades e adaptações constantes. Conforme discutido à luz das reflexões de Roger Chartier, esses aspectos não constituem meras falhas do sistema editorial, mas revelam um modo específico de produção e circulação dos textos, no qual a autoria individual se diluía diante das necessidades do jornal e da lógica seriada do folhetim. Nesse contexto, o texto literário assumia uma função pragmática, voltada à ocupação regular do espaço impresso e à manutenção do interesse do leitor.

A investigação sobre a formação do leitor de romances franceses no Maranhão do século XIX demonstrou que a leitura era uma prática social restrita, associada à distinção cultural e ao pertencimento a uma esfera letrada. O consumo dos folhetins não garantia, necessariamente, a leitura integral das obras, podendo operar também como símbolo de capital cultural. Ainda assim, o jornal desempenhou papel fundamental na ampliação, ainda que limitada, do acesso à literatura, funcionando como principal intermediário entre a província e os grandes centros editoriais nacionais e europeus.

A predominância do Romantismo nas narrativas publicadas, especialmente a partir da segunda metade do século XIX, evidencia o alinhamento do *Publicador Maranhense* às correntes literárias de maior difusão no cenário internacional. Esse modelo estético manifesta-se no forte apelo sentimental, na intensificação dos conflitos morais e na construção de enredos seriados, capazes de manter o interesse e a fidelidade do público leitor. A análise de parte dessa produção literária permite observar que os textos veiculados no jornal incorporavam debates sociais relevantes, como a condição feminina, a moral burguesa e as desigualdades jurídicas, revelando o potencial do folhetim não apenas como forma de entretenimento, mas também como espaço de reflexão social.

Dessa forma, o estudo do *Publicador Maranhense* confirma a relevância dos periódicos oitocentistas como fontes históricas e literárias privilegiadas para a compreensão da cultura letrada no Brasil. O jornal não apenas divulgava textos, mas participava ativamente da construção de um imaginário literário, orientando gostos, hierarquizando repertórios e mediando a relação entre leitores e obras. Ao evidenciar a centralidade da literatura francesa nas colunas do periódico, esta pesquisa contribui para os estudos sobre circulação cultural, história da leitura e imprensa no século XIX, ao mesmo tempo em que reafirma a importância do Maranhão como espaço ativo, ainda que periférico, nas redes de intercâmbio literário do período.

Por fim, espera-se que este trabalho possa estimular novas investigações sobre outros periódicos maranhenses oitocentistas, ampliando o debate sobre as práticas de leitura, as escolhas editoriais e os processos de apropriação da literatura estrangeira no Brasil, bem como aprofundar a compreensão das relações entre imprensa, literatura e sociedade no contexto histórico do século XIX.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 1999.
- ABREU, Márcia. **Cultura letrada: literatura e leitura**. Campinas: Mercado de Letras, 2006.
- BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico. **Jornal e literatura: a imprensa periódica no século XIX**. Porto Alegre: Nova Prova, 2007
- BARROS, José D' Assunção. **O Jornal Como Fonte Histórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. 11. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2002.
- CARELLI, Mário. **Culturas cruzadas: intercâmbios culturais entre França e Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora Unesp, 1990.
- CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Editora UnB, 2001.
- CHARTIER, Roger. **Práticas da leitura**. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- GUIMARÃES, Rosângela Maria Oliveira. **Traduções/adaptações dos romances-folhetins de Alexandre Dumas no Brasil: estudos de edição e cultura**. 2008. 259 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2017.
- MEYER, Marlyse. **Folhetim: uma história**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- SOUZA, Antonia Pereira de. **A prosa de ficção nos jornais do Maranhão oitocentista**. 2017. 329 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, 2017.